Preço 1$00 — Quinta-feira, 21 de Junho de 1956 — Ano II - N.º 68

A PROVÍNCIA

Semanário

INFORMAÇÃO •• CULTURA •• RECREIO

AVENÇA

Proprietário, Administrador e Editor
V. S. MOTTA PINTO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — AV. D. NUNO ÁLVARES PEREIRA - 18 — TELEF. 026 467
MONTIJO
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA «GRAFEX» — TELEF. 026 236 — MONTIJO

DIRECTOR
ÁLVARO VALENT

VARÕES ILUSTRES DE MONTIJO

O General de Brigada

Albino Alberto Ferreira

NÃO é sòmente nas Letras e nas Artes que os homens se distinguem e ilustram a terra que lhes serviu de berço.

Também nas várias carreiras da vida eles se podem notabilizar.

O homenageado de hoje distinguiu-se na carreira das armas.

E é bem notável a sua folha de serviços, desde que assentou praça, como Voluntário, em 20 de Outubro de 1869, até que requereu e foi julgado incapaz do serviço activo, pela Junta Hospitalar de Inspecção, em 15 de Dezembro de 1904.

No seu *curriculum vitae* militar não figuram feitos heróicos, nem actos guerreiros de relevo e imponência, — é certo. No entanto, pelas distinções e louvores que lhe foram conferidos, fàcilmente se conclui que foi disciplinado e disciplinador, cumpridor dos seus deveres, sempre distinto no exercício das suas funções, sempre brilhante no desempenho das missões que desempenhou dentro da sua arma.

Eu ainda o conheci, nos tempos da minha meninice, quando, já na reserva, o iam buscar para presidir a sessões de grande solenidade.

Era uma figura respeitável, de certa envergadura, de afectuosas maneiras, impondo-se imediatamente à nossa consideração.

E a sua dedicação à terra onde nascera, era um facto evidente.

Nunca o procuravam para essas solenidades, ou para casos da necessária presença de pessoas categorizadas, — tudo em favor da nossa terra —, que não estivesse incondicionalmente ao dispor de quem o procurava para tais fins.

O seu bairrismo impunha-se, era uma lição e um exemplo que muito dignificam a sua memória.

Só por isto, já esta homenagem se justifica, se não fora ainda as outras preciosas qualidades, as outras excelsas virtudes.

O General de Brigada Albino Alberto Ferreira nasceu em Aldeia Galega do Ribatejo em 16 de Julho de 1842, e era filho de João Pedro Alberto Ferreira e de Maria José de Azevedo, também naturais da mesma vila.

Tendo assentado praça, como Voluntário, na data que indicámos, em Artilharia 5, aí serviu um ano e quatro meses.

Neste Regimento, onde tinha o n.º 210 de matrícula, foi até 1.º sargento graduado e a aspirante a Oficial, sendo promovido a Alferes aluno por decreto de 25 de Novembro do ano seguinte.

Com o Curso preparatório da Escola Politécnica, frequentou, então, o Curso de Artilharia da Escola do Exército.

E daqui em diante as promoções sucederam-se, — o que dá claramente a ideia das suas aptidões:

— Em 5 de Janeiro de 1872, promovido a 2.º Tenente no mesmo Regimento;

General Albino Alberto Ferreira

— Em 14 de Janeiro de 1874, promovido a 1.º Tenente do mesmo Regimento;

— Em 5 de Junho de 1878, promovido a Capitão para o mesmo Regimento.

— Em 17 de Maio de 1874 foi nomeado Director da Escola Regimental, funções que exerceu até 1 de Janeiro de 1886, voltando a exercê-las em 2 de Maio do mesmo ano.

— Em 29 de Agosto de 1888, foi promovido a Capitão de 1.ª classe;

— Em 21 de Maio de 1890, foi promovido a Major, no mesmo Regimento de Artilharia 3;

— Em 16 de Maio de 1895, foi promovido a Tenente-Coronel e colocado em Artilharia 2;

— Em 12 de Outubro de 1895, passou à Brigada de Artilharia de Montanha, e em 4 de Maio de 1901 para Artilharia 6.

— Em 18 de Junho de 1901, foi promovido a Coronel, passando, novamente, para Artilharia 3 em 23 de Outubro de 1901, e para Artilharia 2 em 19 de Novembro de 1903.

— Em 16 de Janeiro de 1904, passou ao Estado Maior da arma e foi nomeado Director da Fábrica de Pólvora de Barcarena, pela ordem dessa data.

— Finalmente, em 15 de Dezembro de 1904, foi transferido para a situação de reserva, por ter requerido e sido julgado incapaz do serviço activo, pela Junta Hospitalar de Inspecção, como dissemos.

Por esta sucinta descrição se pode avaliar o que foi a sua carreira na arma de Artilharia, num constante crescendo de promoções; e por ela se vê também que lhe foram confiadas missões militares de importância e relevo.

E ainda para nos certificarmos do seu valor ilustre, citarei as distinções que lhe foram conferidas:

— Em 24 de Junho de 1884, a Direcção Geral de Artilharia, louvava-o pela dedicação com que se votava ao serviço do Regimento;

— Em 1 de Janeiro de 1895, foi nomeado Oficial da Ordem Militar de S. Bento de Aviz;

— Em 29 de Julho de 1899, foi-lhe concedida a medalha de prata da classe de comportamento exemplar;

— Em 31 de Agosto de 1899, foi louvado pelo Comandante de Artilharia 6 pela sua constante e valiosa colaboração no comando do Regimento, bem como pelo seu inexcedível zelo e dedicação ao serviço;

— Em 30 de julho de 1900, outra vez louvado por ter apresentado dois modelos de sua invenção, destinados a substituirem os dos tirantes e mochilas;

— E, finalmente, em 1901, foi nomeado Comendador da Ordem de Aviz.

Vejamos agora mais alguns pormenores da sua vida civil:

O General de Brigada Albino Alberto Ferreira casou com D. Carlota Vieira da Silva, brasileira, em 13 de Julho de 1889, não tendo deixado descendência.

Quando em 14 de Maio de 1908 fez seu testamento em Lisboa, no notário Pinheiro Leal, já era viúvo desta senhora.

Morava, por essa altura, na rua Joaquim de Almeida, antiga rua da Graça, no n.º 54, numa casa e quinta que é hoje de Gabriel Domingos do Carmo, distinto comerciante em Montijo, com uma prima de nome Carolin Amélia de Azevedo.

Era proverbial a sua afabilidade, o seu bondoso espírito, de que é testemunho o referido testamento, no qual contemplou com avultados legados várias pessoas de sua família e estranhos.

Por quanto é do meu conhecimento e por quanto apurei, posso dizer afoitamente que honrou a terra da sua natalidade e foi um bom na mais lata acepção da palavra.

Termino como comecei:

— «Não é sòmente nas Letras e nas Artes que os homens se distinguem e ilustram a terra que lhes serviu de berço. Também nas várias carreiras da vida eles se podem notabilizar».

O General Albino Alberto Ferreira foi, pois, um varão ilustre de Aldeia Galega do Ribatejo, hoje Montijo.

Álvaro Valente

EM CONTINUAÇÃO
Luís Palado Nunes

Castelos de Portugal

Ucanha, o primitivo Burgo de Cucanha, ou simplesmente Cucanha, do concelho de Tarouca, a que D. Manuel I deu foral, em 5 de Janeiro de 1504, e onde o ilustre barão Egas Moniz viveu, tem uma torre, conhecida também pelo nome de *Castelo de Ucanha*, que é um curiosíssimo exemplar da arquitectura medieval e constitui um artístico padrão histórico do nosso País. Encontra-se próximo da ponte, a que anda ligado o nome de D. Fernando II, abade do Convento de Salzedas, irmão de D. Nuno Álvares Pereira[1]. No oratório da fortaleza encontra-se a imagem de N.ª S.ª da Torre, abaixo do qual escrita em caracteres júdicos uma inscrição cujos caracteres já são ilegíveis, em virtude da acção corrosiva do tempo.

(1) — Egas Moniz, os irmãos D. Pedro e D. Raimundo, pois atribui-se a estes 4 personagens a sua fundação.

Prof. José Manuel Landeiro

No próximo dia 28 do corrente, número especial de «A Província», dedicado às Festas Populares de S. Pedro

VIDA PROFISSIONAL

Médicos

Dr. Avelino Rocha Barbosa

Das 15 às 20 h.
R. Almirante Reis, 68, 1.º
Telef. 026245—MONTIJO
Consultas em Sarilhos Grandes, às 9 horas, todos os dias excepto ás sextas feiras.

Dr. Eduardo Gomes

Consultas todos os dias às 17 horas
R. Machado Santos, 6-1.º
Telef. 026038 — MONTIJO

Dr. Fausto Neiva

Largo da Igreja, 11
Das 10 às 13 e das 15 às 18 h.
Telef. 026256 — MONTIJO

Dr. J. Sousa Correia

CLINICA DENTÁRIA
Dentes artificiais e consertos
Consultas todos os dias
das 11 às 13 e das 15 às 17 horas
Rua Bulhão Pato, 58 — MONTIJO

Dr. M. Santos Cruz

Interno dos hosp. civis de Lisboa
Doenças da boca e dentes
Dentes artificiais
Consultas às 2.as e 6.as feiras
às 14 horas.
R. Bulhão Pato, 7 — Montijo

Dr.ª Isabel Gomes Pires

Ex-Estagiária do Instituto Português de Oncologia.
Doenças das Senhoras
Consultas às 3.as e 6.as feiras
R. Almirante Reis, 68-1.º - Montijo
Todos os dias
Rua Morais Soares, 116-1.º
LISBOA Telef. 48649

Parteiras

Felisbela Victória Pina

Parteira - Enfermeira
Partos, injecções e tratamentos
Rua Sacadura Cabral, n.º 50
MONTIJO

Augusta Marq. Charneira Moreira

Parteira-Enfermeira
Diplomada pela Faculdade de Medicina de Coimbra
Rua Tenente Valadim, 29-1.º
MONTIJO

Advogados

Dr. Alberto Cardoso do Vale

Escritório: Praça da República, 4
MONTIJO

Sendo V. Ex.ª que efectuar Seguros em qualquer ramo não deixe de consultar

Luís Moreira da Silva

Rua Almirante Reis, 27
Telefone 026 114
MONTIJO

Telefone 026 376

Para boas Fotografias

Foto Montijense

MONTIJO

Banda Democrática 2 de Janeiro

Inauguração da sede

Foi dia de grande festa para a popular agremiação, — o dia de Domingo, 17 do corrente. Depois de muitas canseiras e trabalhos, inaugurou-se, finalmente, a sua sede na rua Cândido dos Reis.

Logo de manhã, pelas oito horas, uma salva de 21 tiros anunciava a toda a vila o acontecimento sensacional, e pelas 10 horas a Banda realizava no coreto municipal o seu anunciado concerto. Sob a regência do maestro Homero Ribeiro Apolinário, a Banda executou primorosamente o programa anunciado e que se compunha de várias peças de mérito.

Há a destacar a perfeita execução e o certo ritmo dos andamentos. Foi, — o que se pode dizer — um histórico e honroso concerto!

A Banda e seu regente foram ovacionados pela numerosa assistência.

Pelas 17 horas a Banda, acompanhada de muito povo, percorreu as ruas da vila e dirigiu-se para a nova sede, onde uma enorme multidão aguardava a cerimónia da entrega. O presidente da Comissão pró sede entregou então a chave do edifício ao Dr. António Gonçalves Rita, presidente da Assembleia Geral, o qual cortou a fita simbólica e entregou, por sua vez, a chave ao presidente da Direcção, sr. José Machado, executando a Banda o seu hino no meio de clamorosas ovações.

Em seguida, entraram os convidados e Corpos Gerentes que percorreram as salas. Sala de bilhares, biblioteca, sala da Direcção, *bar*, pequenas salas de diversões, gabinetes, — tudo impecável e atraente —, foram percorridos pelos visitantes no meio da maior satisfação.

Efectuou-se a seguir a sessão solene, comemorativa do acontecimento, na esplanada espaçosa, vistosamente engalanada.

Presidiu o Dr. António Gonçalves Rita, ladeado pelo Dr. Manuel Paulino Gomes e pelo nosso director. Para o palco foram chamados todos os representantes de colectividades, da Imprensa, e de várias instituições.

Aberta a sessão, procedeu-se à leitura do expediente. Dele constavam muitos telegramas e ofícios de saudações, e uma carta do sr. Joaquim da Fonseca J.or e de sua Esposa, oferecendo à Banda a importância de quinze contos que tinham emprestado para as obras da nova sede. Esta carta provocou grandes manifestações de regozijo e calorosas salvas de palmas de toda a assistência.

Usaram da palavra: o presidente da Comissão pró sede, sr. Manuel Cipriano Futre, José Machado, presidente da Direcção, Manuel Lino, representante do Musical Clube Alfredo Keil, José Estêvão da Silva Carvalho, redactor de «A Província», o nosso Director, Dr. Manuel Paulino Gomes, Manuel Soares Póvoas, representante da Sociedade Recreativa Afonsoeirense, — todos se referindo à hora que passava e ao festivo acontecimento que se comemorava —, e, finalmente, o Dr. António Gonçalves Rita, que encerrou a sessão.

Todos os discursos foram vibrantemente aplaudidos pela multidão que enchia a esplanada até a rua.

A fechar esta festa tão interessante e comovente, a Banda executou a marcha da autoria do seu regente e dedicada à Comissão pró-sede, o que deu lugar a novas e demoradas manifestações, e por fim o Hino da colectividade, ouvido de pé por toda a assistência e premiado com intermináveis salvas de palmas.

À noite houve baile na esplanada.

O recinto era pequeno para conter tanta gente. Dançou-se até altas horas, com a maior animação e entusiasmo.

E assim terminaram as comemorações solenes dum dos factos mais notáveis da vida colectiva da Banda Democrática 2 de Janeiro, de Montijo, as quais muito tarde se apagarão da memória dos que tiveram a dita de a elas assistir.

Do coração felicitamos a gloriosa colectividade, fiéis aos nossos sentimentos e à divisa do nosso jornal: Por um Montijo melhor!

«A Província» sente particular satisfação pelo facto e pela forma entusiástica como tudo decorreu.

Parabéns muito sinceros e a certeza da nossa muita simpatia!

SANFER, L.DA

SEDE — LISBOA, Rua de S. Julião, 41-1.º
ARMAZÉNS — MONTIJO, Rua da Bela Vista

AEROMOTOR SANFER o moinho que resistiu ao ciclone - FERROS para construções, ARAMES, ARCOS, etc.
CIMENTO PORTLAND, TRITURAÇAO de alimentos para gados
RICINO BELGA para adubo de batata, cebola, etc.
CARRIS, VAGONETAS e todo o material para Caminho de Ferro

ARMAZÉNS DE RECOVAGEM

Sociedade Filarmónica 1.º de Dezembro

Segundo versão que há bastantes dias corre, e que se confirma agora, esta nossa colectividade musical desloca-se próximo de Vigo — Espanha no dia 13 do próximo mês de Julho, dando ali concertos em 14, 15 e 16.

Vai, assim, abrilhantar as festas do «Santo Cristo dos Aflitos», que perto daquela cidade se realizam.

O seu regresso a Montijo será em 17 do mesmo mês.

«A Província» sente o maior prazer com esta deslocação a terras da estranja e, sem a menor sombra de lisonja, tem a certeza de que a gloriosa Banda honrará, como sempre, o seu passado, os seus triunfos, o seu estandarte, a arte musical e o nome da terra que leva por emblema.

As nossas sinceras felicitações.

Festas Populares de S. Pedro

Estamos a oito dias das nossas festas!

Já há oito dias, porém, que Montijo assumiu o seu ar festivo, e tudo nos dá a impressão de que as festas já começaram.

As ruas estão a ser ornamentadas pelo artista decorador, Constantino Lira, de Pelgueiras, e já se encontram arvorados os primeiros arcos de triunfo; a igreja paroquial já tem bastante adiantada a sua ornamentação, — este ano com maior latitude e desenvolvimento.

Na Feira Franca vai grande azáfama. Já há barracas, diversões, carrocéis armados e preparados para o próximo funcionamento.

Na zona destinada aos expositores, já há lugares marcados para o Gáscidla, Automóveis Simca e Panhard, Máquinas de Costura Oliva, Máquinas de Costura Adler, Clube Desportivo de Montijo, Automóveis e Caminhões «Volvo». Comissão da Praça de Toiros de Montijo, Águas da Bela Vista, etc..

Tudo se alinda, tudo se prepara, tudo se conjuga para que o êxito das Festas Populares de S. Pedro sobrepasse e vença o dos anos anteriores.

A incansável Comissão deslocou-se a Setúbal, na passada semana, a fim de convidar o Chefe de Distrito, sr. Dr. Miguel Rodrigues Bastos, a assistir às nossas festas.

S. Ex.ª ficou muito sensibilizado com a gentileza da Comissão, enalteceu as suas actividades, e prometeu comparecer por várias vezes, ficando de comunicar depois quais os dias certos em que viria.

A Marcha dos Pescadores de Montijo tem continuado seus ensaios e preparação, reinando o maior entusiasmo entre rapazes e raparigas da simpática classe.

A Câmara Municipal, secundada pelas forças vivas da vila, esforça-se junto dos Poderes Públicos para que o dia 29 do corrente, — dia de S. Pedro —, seja considerado o feriado local, de modo que nesse dia todo o comércio e toda a indústria se possam associar às festividades do programa.

E desta forma, a dois passos do início, Montijo vive já o ambiente que se aproxima e que encherá de júbilo e de animação toda a terra e todos os lares.

Círio Novo da Atalaia

Damos hoje aos nossos leitores esta agradável notícia: o Círio Novo da Atalaia, de que é presidente o nosso prezado assinante sr. José Miranda, faz-se representar na Batalha de Flores das nossas festas, no dia 1 de Julho, com o seu conjunto, num carro oferecido para esse fim pelo sr. Manuel Bernardo, do Alto do Estanqueiro.

Estandarte do Círio Novo da Atalaia

«A Província» saúda o Círio Novo da Atalaia pelo seu gesto, que é mais um exemplo de puro bairrismo, e felicita o seu presidente e todos os componentes pela simpática iniciativa.

MONTIJO

AGENDA ELEGANTE

Aniversários

— Dia 4 de Julho, o sr. Francisco da Mónica de Sousa Fortunato, nosso dedicado asssinante.

— Dia 5, a menina Maria Manuela Barrigana Oliveira, neta do nosso assinante sr. Manuel Barrigana.

— Dia 7, o menino António Joaquim Garroa Soares, filho do nosso prezado assinante sr. Nicolau Madeira Soares.

— Dia 15, a menina Orcélia Maria Sousa Silva Gervásio, neta do nosso assinante sr. Augusto Gervásio.

— Dia 16, o sr. Nicolau Madeira Soares, nosso amigo e assinante.

— Dia 28, faz 60 anos o sr. José Augusto dos Santos, nosso dedicado assinante.

Desastres

— No dia 14 do corrente, o menor de 7 anos António Duarte Rosa, natural de Montijo e filho de José Janeiro e de Ana Loureiro, foi atropelado por uma camioneta de Alberto Dias de Oliveira, da Moita, e conduzida pelo motorista Francisco Fernandes.

O desastre deu-se no Afonsoeiro, onde o menor reside.

Sofreu fractura do calcâneo.

— No mesmo dia, também o menor Francisco dos Anjos Ramos, de 13 anos, natural de Montijo e filho de António Ramos e de Porcília dos Anjos, residentes no sítio da Caneira, caiu duma carroça, para onde subira com ela em andamento, ficando em estado grave.

— Ambos os sinistrados foram socorridos e tratados no nosso hospital.

A Mixomatose dos coelhos

Conforme disse no número anterior a Intendência Pecuária de Setúbal, já nalguns concelhos do nosso Distrito apareceram bastantes casos da destruidora doença.

Chega-nos agora a notícia de que também nesta região já o mesmo se deu, ainda que em deminuta quantidade.

Para os devidos efeitos, comunicamos a todos os interessados que os srs. Veterinários Municipais de Montijo vacinam gratuitamente os animais, para o que se lhes devem dirigir.

É de toda a conveniência que se não demorem a procurá-los.

Hospital Subregional

De 12 a 14 do corrente efectuaram-se no nosso hospital sete operações, sendo uma de urgência.

Os operados foram: Adelaide Augusta, Maria Lucília Cardoso, Ermelinda Ferreira Coutinho, Ermelinda dos Santos Claro, Maria Amélia, Maria Manuela Martins de Almeida e José Manuel Oliveira, — todos do nosso Concelho.

Todas as operações decorreram bem e os doentes vão passando sem novidade.

Foi operador o Dr. Eduardo Marques Perdigão, coadjuvado pelos habituais e distintos clínicos de Montijo.

A Marcha dos Pescadores de Montijo

A convite do sr. Governador Civil do Distrito, deslocou-se ontem a Setúbal a nossa Marcha dos Pescadores.

A exibição realizou-se no Campo dos Arcos, do Vitória, a favor do Fundo de Assist. aos tuberculosos.

Este simpático gesto da nossa Marcha foi coroado do maior êxito, com o recinto literalmente cheio e calorosas ovações.

Felicitamos a Marcha dos Pescadores de Montijo pela sua feliz actuação e por esse gesto de benemerência.

Dr. Juiz da nossa Comarca

O meritíssimo Juiz da nossa Comarca partiu de avião para Lião, França, no dia 19 do corrente, onde vai ser observado por um especialista de doenças dos olhos.

Por enquanto, tem tido poucas melhoras.

Oxalá o sr. Dr. José M. Pereira de Oliveira, nosso estimado e querido Juiz, obtenha naquela cidade francesa o pronto restabelecimento que tanto lhe desejamos.

Grandiosas Festas de S. João

Organizadas pela Sociedade Recreativa do Cruzamento de Pegões, nos dias 23 e 24 de Junho de 1956

Programa:

Dia 23 — (Véspera de S. João) — A's 21 horas: — Começo de um Grandioso Baile abrilhantado pelo acordeonista sr. António J. Falcão, acompanhado em Saxofone por seu irmão. A abertura deste Baile, que se prolongará até de madrugada, será anunciada por uma girândola de foguetes. Durante o Baile será queimado um lindo Fogo de Artifício.

Dia 24 — (Dia de S. João) — A's 14 horas: — Grande Torneio de Tiro aos Pratos, organizado por um grupo de Amadores.

A's 19 horas: — Abertura de novo Baile, anunciado por Fogo de Artifício e abrilhantado pelos mesmos artistas que abrilhantam o baile do dia anterior.

A's 24 horas — Lindo e vistoso Fogo de Artifício por um dos melhores pirotécnicos do país.

Cumprimentamos a Sociedade Recreativa do Cruzamento de Pegões, agradecemos o convite que nos enviaram, e desejamos o melhor êxito às festividades que vão realizar.

Organizações Progresso

AGENCIA PUBLICITÁRIA

Apresenta semanalmente, no Clube Radiofónico de Portugal, todas as 3.as feiras e sábados, respectivamente às 13 e às 22 e 15 horas o programa radiofónico

REVISTA DESPORTIVA

15 minutos em que fala do desporto e a favor do desporto. Produção associada de: Fernando de Sousa, Fernando de Lacerda e Veríssimo Alves. Brevemente novos programas e novas rubricas. Para a sua publicidade consulte

Organizações Progresso

Av. de Roma, 207, 3.º-Esq.º
LISBOA

UMA CARTA

SR. DIRECTOR:

Entre os locais da nossa terra consagrados pela tradição popular, o Beco do Forte ocupa posição saliente, com créditos firmados na simpatia do povo montijense. Nesta quadra festiva dos Santos Populares fazem-se recordar com saudade os bailes alegres e a marcha colorida do Forte, que foi cartaz de Montijo há um par de anos atrás.

É da estética e da higiene deste local típico que nos propomos falar, já que, engastado no coração da vila, mesmo à beirinha duma estação de camionagem, o Beco do Forte é alvo obrigatório dos olhares de quem cruza a Praça da República ou chega até nós por via rodoviária. Por isto e porque é de inteira justiça zelar pelos interesses dos seus habitantes, se justificam os reparos que esta carta pretende submeter à consideração de quem de direito, se, como julgamos. V. fizer o favor de a publicar.

Na verdade, vêem-se hoje logo à entrada do Forte capoeiras e caixotes, que não só emprestam ao local péssimo aspecto, como empestam o ambiente e contribuem em larga escala para a proliferação de moscas que invadem depois as habitações com os inconvenientes que todos conhecem.

Por outro lado, o facto de não haver água ligada às residências, mas sim uma única torneira comum, que serve às necessidades de aproximadamente duas dezenas de pessoas, torna-se o abastecimento do precioso líquido um problema que urge remediar. Cada um é obrigado a acarretar para sua casa a água necessária para o uso diário, o que é prática incómoda e primitiva e dá lugar a que a lavagem da roupa de toda aquela gente se faça no exterior. Deste modo, assiste-se ao espectáculo inestético e desagradável das celhas ou tanques às portas. Também as cordas ou arames de estender roupa dão ao Beco do Forte um aspecto bizarro e constituem uma armadilha para quem nele penetre à noite, uma vez que se encontram a baixa altura e a iluminação não é muito boa.

O exposto não será muito, mas é sem dúvida algo que se pode e deve remediar para benefício dos simpáticos habitantes do castiço Beco do Forte. As Festas Populares de S. Pedro estão à porta e a ocasião parece-nos a mais indicada para levantar a questão nas colunas de «A Província», um jornal que tem já uma larga folha de serviços em prol da causa montijense. Que o sopro renovador que agita Montijo de lés-a-lés não deixe de penetrar no Forte, são os nossos votos.

Agradecendo a V., sr. Director, o bom acolhimento que por certo não deixará de dispensar à presente, subscrevo-me com elevada consideração.

a) A. J. C.

«A Província» — n.º 66 7/6/1956

Anúncio

Pelo Juizo de Direito da comarca de Montijo e 1.ª Secção, se faz saber que se acha designado o dia 10 de Julho próximo pelas 10 horas, para a arrematação, em 2.ª Praça e em hasta pública dos bens adiante indicados, penhorados nos autos de Execução Sumária que Maria do Rosário e filhos de Palhais movem contra o executado ANTÓNIO DA COSTA MURILHAS, solteiro, maior, proprietário, residente na Baixa da Banheira, desta comarca.

Bens a Arrematar

O Direito e acção à quarta parte da herança indivisa, deixada por Sebastiana da Cruz, residente que foi na Vila da Moita, desta comarca, que vai à praça pelo valor de seis mil e duzentos e cinquenta escudos.

Número Dois

Um aparelho de telefonia marca «Philips» em bom estado de conservação que vai à praça pelo valor de quinhentos escudos.

Montijo, 28 de Maio de 1956.

O Chefe da 1.ª Secção,

a) António Paracana

Verifiquei a exactidão:

O Juiz de Direito, 1.º Subst.º

a) *José L. M. de A. Fernandes*

Casa de Móveis
DE
Luís Moreira da Silva
Gerência de
Francisco Campos

Apresenta um grande e variado sortido de Mobílias restauradas e uma grande diversidade de móveis avulso. — Compram-se e vendem-se móveis aos melhores preços.

Rua do Hospital, 16 — Montijo

Montijo... e o amarelo

Bem conhecemos o anexim: «o que seria do amarelo, se não fosse o mau gosto»; mas não queríamos que ele tivesse aplicação na nossa terra.

Infelizmente, aplica-se e em grande escala.

Por virtude do edital camarário, em relação com a proximidade das Festas Populares de S. Pedro, procede-se à caiança e pintura dos prédios.

Vai por toda a parte um movimento extraordinário e desusado, com escadas, pintores e estucadores.

No entanto, e aqui é que está o nosso reparo, a cor escolhida pela maioria é o amarelo, o que produz um efeito desagradável.

Não seria possível variar um pouco de cor, empregando também o azul, o verde, o castanho, etc.?

Não seria muito grande a diferença do custo (bem sabemos que a ocra é mais barata) e evitava-se esta igualdade que se torna monótona e denota falta de gosto.

Embora um pouco tarde, talvez ainda vá a tempo para os que faltam.

E já que estamos com as mãos na massa, chamamos a atenção da Ex.ma Camâra para os proprietários que não obedeceram, nem obedecem, ao referido edital, o que estabelece um contraste ainda mais desagradável.

Embora um pouco tarde, talvez ainda vá a tempo para tantos que faltam...

E também chamamos a atenção para os «jardins suspensos» que se vêem nalguns telhados.

Não seria interessante que desaparecessem?

Concurso Hora Feliz

No dia 14 do corrente, na nossa Redacção, procedeu-se à abertura do relógio do Concurso que a Ourivesaria e Relojoaria Contramestre, da Praça 1.º de Maio, está realizando com o maior sucesso.

O relógio parara nas:

16 horas e 33 minutos.

O cupão mais próximo desta hora era o da sr.ª D. Isabel Caria, moradora na rua Dr. Maunel da Cruz J.or, n.º 10, — o qual tinha 16 h. e 30 m.

A esta senhora, pertenceu pois, o prémio.

Ainda está a tempo de se habilitar para o

CONCURSO HORA FELIZ.

Pneus

Novos, diversas marcas, com descontos de 12 a 14°/° ao preço da tabela, em 12 prestações mensais.

Agente em Montijo, Francisco José da Silva-Telef. 026150

AGENDA UTILITÁRIA

Farmácias de Serviço

5.ª-feira, 21 — *Giraldes*
6.ª-feira, 22 — *Montepio*
Sábado, 23 — *Moderna*
Domingo, 24 — *Diogo*
2.ª-feira, 25 — *Giraldes*
3.ª-feira, 26 — *Montepio*
4.ª-feira, 27 — *Moderna*

Boletim Religioso

Culto Católico

MISSAS

5.ª-feira — às 9 e 10 horas.
6.ª-feira — às 8,30 e 9 horas.
Sábado — às 6 e 10 horas.
Domingo — às 8, 9, 10 e 11,30 horas (Atalaia) — 11,30 e 18.

Espectáculos

CINE POPULAR

5.ª feira, 21; A engraçadíssima comédia mexicana, «Escola de Vagabundos», o *filme* policial, «Expresso 56», e Revista Paramount.

Sábado, 23; Um *filme* dos contos das Mil e Uma Noites, «O Diamante Azul», e o *filme* policial, «Estrada 301».

Domingo, 24 e 2.ª feira, 25; A comédia Franco-Italiana, em Cinemascópio, «Júpiter diverte-se».

CINEMA 1.º DEZEMBRO

Sábado, 23; (Para 18 anos) O mais famoso *filme* do ano em cinemascópio, «A Colina da Saudade», com William Holdem, o intérprete de Pique Nique.

Domingo, 24: (Para 13 anos) A linda comédia musical em cinemascópio, «Há Falta de Homens».

2.ª feira, 25; (Para 18 anos) Um grande programa duplo, «A Vida Começa aos 40», com o grande actor, Arturo de Córdova, e o *filme* policial e de mistério, «O Grande Tobor».

Atenção: — Nos dias das Festas Populares de S. Pedro, não há cinema.

Trespassa-se

— PENSÃO, com taberna, camas, adega e esplanada. Ver e tratar na Rua Almirante Reis, 108 - Montijo.

Compras e vendas

— PRÉDIO, na Atalaia, composto de r/c e 1.º andar com frente para o largo.

Trata-se na Rua Santos Oliveira, 20, Montijo.

— Compram-se, vendem-se e trocam-se móveis usados, também se vendem portas e janelas envidraçadas.

Neste estabelecimento só se trata com seriedade. Antigo armazém na Rua Joaquim de Almeida, 53.

Perdeu-se

— CARTEIRA, pede-se o favor de enviar os documentos.

Precisa-se

— QUINTA ou FAZENDA, morada, com casa para habitação, afastada o máximo 15 Km do Montijo.

Recebem-se propostas na redacção deste jornal.

Aluga-se

— CASA 1.º andar, 9 div., R. Bulhão Pato N.º 74.

Acidentes Pessoais

Um dos Seguros mais baratos e que maiores vantagens oferece é o de «Acidentes Pessoais».

Peça hoje mesmo o folheto explicativo, do Agente da C.ª de Seguros Império — *Fernando A. C. Pedroso* — Telefone 024059 — *Alhos Vedros*.

«Só enviamos para os concelhos limítrofes».

FEIRA DE PARIS

Recebemos o seguinte ofício, que muito nos sensibilizou e reconhecidamente agradecemos.

Sr. Álvaro Valente

Director do Semanário «A Província».

MONTIJO

Após o meu regresso da França, não quero deixar passar mais tempo sem vir manifestar a V. os meus agradecimentos pela publicação no seu jornal, de 3 de Maio findo, de uma página dedicada à Feira de Paris, gentileza que muito me penhorou.

Tendo levado comigo alguns exemplares, foi-me possível distribui-lo a entidades que interessavam não só a esta Delegação, como também a esse jornal — no ponto de vista de divulgação —.

E, sem espírito de lisonja, posso afirmar-lhe que os comentários foram sumamente agradáveis, designadamente os feitos pelo Director-Geral da Feira e pelo Chefe das relações com o estrangeiro que, por desconhecerem o jornal, desejaram alguns informes, e até sobre a região em que era publicado (se comercial, industrial ou agrícola).

«A Província» teve, assim, oportunidade de ser vista na Sala de Imprensa da Feira, ao lado de jornais vindos de todas as regiões do globo.

Renovando os meus agradecimentos, subscrevo-me com elevada consideração.

De V.

Atenciosamente,

O Delegado em Portugal

A. Velho da Palma

Pela IMPRENSA

—Recebemos o 1.º número do jornal «Voz do Tejo» que começou a publicar-se em Almada em 9 do corrente:

É seu director o sr. Pinto Baptista, e editor e proprietário o sr. Alves Madeira.

Trata-se de mais um semanário regionalista que, segundo o artigo de apresentação, pretende servir aquela vila, seu concelho e arredores.

Com belo aspecto gráfico e excelente colaboração, vem, certamente, valorizar a imprensa regionalista e cumprir com toda a galhardia a sua nobre missão.

Cumprimentamos afectuosamente e desejamos longos anos de existência e todas as prosperidades.

—O «Correio da Feira», em seu N.º 2993, transcreveu a Crónica Irrequieta «O Escândalo», da autoria do nosso Director.

Muito gratos pela deferência.

Este número de «A Província» foi visado pela CENSURA

Subsídios para a história da rádio

Por Ribeiro Antunes

Se quiséssemos, numa rigorosa análise de pormenores, fixar o início da história da rádio, teríamos de procurá-lo na época longínqua da pedra de lume, cuja combustão, além de outras serventias, os povos primitivos utilizaram para sinais convencionados.

Forma de comunicação nas sociedades rudimentares foi também a dos sons, usando-se para esse efeito todos os recursos da época.

Mas, embora os sistemas de comunicação, a que acabamos de aludir, pudessem ser lògicamente considerados como precursores da telegrafia sem fios, e, consequentemente, da radiotelefonia, não os invocaremos para um primeiro capítulo da história de tão maravilhosa ciência. E, porque também se perde na lonjura de dois séculos, não invocaremos o invento do abade Cláudio Chappe, com que as tropas comunicaram nas campanhas da Revolução Francesa — invento que consistia em três réguas articuladas, permitindo sinais combinados do regulador com as respectivas asas que se destacavam sobre o azul do céu — sistema que só podia ser utilizado em dias claros, com o céu límpido, assim como o processo, mais tarde descoberto, de desenhar letras com rolos de fumo, só podia ser usado em dias calmos, sem vento.

Lembremo-nos ainda, embora o facto actualmente nos pareça absurdo e ridículo, do sistema de comunicação que se inventou para os chamados «namoros de janela», sistema com que os namorados venciam a distância que separava a via pública de um quarto ou quinto andar, utilizando um código extravagante, que, como devem lembrar-se, consistia em esboçar sinais com os dedos, fazer caretas pavorosas, franzir a testa, torcer as orelhas e apertar o nariz.

Nunca o homem deixou de tentar vencer o espaço e o tempo, imaginando processos de comunicação por meio de sinais ou de sons: — mas todos estes factos não são mais do que curiosos apontamentos à margem da história da rádio.

Reportando-nos a factos científicos, cremos que a data lógica para o início da História da Rádio a devemos procurar na invenção de Tivadar Puskás, sábio húngaro, que no ano de 1893 apresentou o então chamado «noticiário radiofónico».

Depois de desprotegido em diversos países da Europa, onde procurou patrocínio para o seu invento, Puskás emigrou para a América do Norte e ali revelou a Edison os pormenores da sua invenção, que consistia em estabelecer uma ligação de fios entre as casas particulares e uma instalação central. Edison, que por esse tempo estudava febrilmente todos os aperfeiçoamentos relativos ao telefone, aceitou a colaboração do sábio húngaro e com ele trabalhou durante alguns anos. Em Fevereiro de 1893, como já dissemos, Tivadar Puskás poude, finalmente, realizar o seu grande sonho, difundindo de uma central telefónica, para ser ouvida pelos assinantes nas suas próprias residências, a ópera «Lazlo Huyadi».

Três anos depois, aparece no cenário científico do mundo — Guglielmo Marconi.

Aproveitando as clássicas demonstrações de Hertz sobre a projecção de ondas eléctricas, Marconi regista a primeira patente de telegrafia sem fios no ano de 1896. E com essa patente se inicia um novo capítulo na história da radiofonia.

Porque na sua pátria lhe negam protecção, Marconi dirige-se a Inglaterra e é neste país que aperfeiçoa as suas descobertas e realiza a primeira demonstração oficial. Para isso se aproveita de preciosos mas dispersos pormenores técnicos, fixados em laboratórios por físicos de nome universal, como Henry, Maxwell, Lodge e outros.

Na primeira experiência efectuada em Westbourne Park, perante o espanto da assistência, Marconi, manipulando um aparelho de contactos eléctricos, consegue reproduzir sons à distância de 90 metros (!). Estamos a adivinhar um sorriso dos leitores: De facto, meio século depois, não podemos ouvir falar, sem um sorriso, do primeiro grande êxito de Guilherme Marconi, que, naquela data, contava apenas 23 anos de idade.

Mas o jovem italiano não se dá por satisfeito e intensifica as suas experiências sempre com êxitos crescentes. Todas as nações lhe prestam homenagem, e até a própria Itália, que lhe havia negado auxílio, o recebe triunfalmente no Quirinal, para ser saudado pelos reis e pela corte.

Surge a primeira grande guerra. Os governos aliados apelam para Marconi, e, no breve período de 1914/18, a radioelectricidade consegue progressos maravilhosos, assombrando o mundo com as suas realizações e deixando antever as suas ilimitadas possibilidades no futuro. E assim, desde então até o presente, no infinito do éter, onde as ondas hertzianas não reconhecem espaços vitais, começaram a difundir-se os assuntos mais heterogéneos: — pela rádio jogam-se partidas de xadrez, movimentam-se esquadras navais, ouvem-se músicas e vozes de todo o mundo, cantores e orquestras transformam o espaço etéreo no ambiente mais cosmopolita do Globo, pronunciam-se discursos de guerra e preces pela paz, combinam-se negócios, realizam-se casamentos, captam-se pedidos de socorro, projectam-se fotografias... E então nos parece muito distante, já fora da nossa época, o aproveitamento dos arcos voltaicos e do arco cantante de Dudell, com que a radiofonia pròpriamente dita ensaiou os seus primeiros passos até à descoberta da lâmpada especial que permitiu os progressos de que hoje gozamos.

No entanto, estamos separados desse período inicial apenas por três dezenas de anos, quando o posto K. D. K. A., de Pennsylvânia, transmitiu o primeiro programa radiofónico para ser ouvido em países estrangeiros.

Apesar do muito que já nos ofereceu, não nos parece heresia afirmar que a Rádio se encontra ainda em período de estudo e aperfeiçoamento.

Das suas já demonstradas possibilidades destacaremos a televisão e a radiofotografia. Contudo, a televisão é das últimas descobertas a que mais poderá interessar ao grande público pela sua adaptação aos programas radiofónicos.

Temos assim, cada vez mais perfeita — cada vez mais maravilhosa — a descoberta de há 50 anos (se a não quisermos fixar na época da pedra de lume) — ao serviço do homem, das nações, da política, da igreja, das ciências, da música, das artes, do espírito — do progresso universal.

E tudo num ritmo tão acelerado e dinâmico que a «Gallena» de há vinte anos parece ter já um século...

Poetas de Portugal

TONTURA

Eu procuro alcançar a perfeição,
Mas ela corre sempre à minha frente;
Dos projectos que faz a minha mente
Não consigo a perfeita execução.

Acho meu verbo pobre, a rima feia;
O que eu disser já outros o disseram
E com frases mais belas o fizeram...
— Porque será então que a alma anseia?

Por gritar, por dizer a toda a gente,
Tudo quanto ela quer, tudo o que sente
E há-de ter pausas... e há-de ser contida?!

Porque não faço eu prosa em vez de verso?!
Porque é que sinto em mim o Universo
E gosto de dizê-lo por medida!

Maria Albertina Baeta

Do nosso assinante e colaborador sr.

Joaquim da Silva

Agualva — CACÉM

recebemos a seguinte carta:

Lisboa, 12 de Junho de 1956

Sr. Director de «A PROVÍNCIA»

Montijo

Para conhecimento de V., cumpre-me informar que por motivos de força maior deixei de fazer parte da Comissão Pró-Casa da Criança, prestando-me, no entanto, e quando possível, a colaborar com os futuros elementos que vão encetar uma nova campanha a favor de tão simpática obra.

Quero aproveitar a ocasião para agradecer a V. toda a colaboração que me foi prestada durante o período em que fiz parte da referida Comissão.

Reiterando os meus agradecimentos, subscrevo-me com a maior consideração.

De V.

Atenciosamente,

a) Joaquim da Silva

VISITA

Visitou o nosso jornal, no dia 12 do corrente, o nosso dedicado assinante sr. Manuel Beatriz, em companhia de sua Ex.ma Esposa.

Os visitantes, que há 17 meses se tinham ausentado para Tetuan — Marrocos, tiveram para com «A Província» palavras de muita simpatia e carinho, e deixaram para os nossos pobres a quantia de cem escudos.

Muito prazer sentimos com esta visita e também honrados nos confessamos com a distinção e gentileza.

Agradecemos, muito sensibilizados, e desejamos ao simpático casal as melhores prosperidades.

Em nome dos nossos pobres, muito agradecemos igualmente.

OIÇA

Aos Domingos às 19 horas

Segundas Feiras às 12,30 horas

Terças Feiras às 21,30 horas

Isto é Montijo

Em Rádio Clube Português

Record Sensacional!

1 Milhão em circulação!

Atestando a preferência que todo o mundo dá à

VESPA

O PRIMEIRO SCOOTER DO MUNDO

Agentes Exclusivos:

MARPAL, L.DA

MONTIJO

Nós e Eles

Por

José dos Santos Marques

Disse-me há dias um jovem mecânico que «A Província» não tinha nada que ler. Sei bem que esta opinião não é, infelizmente, exclusivo seu. E não só «A Província», evidentemente. Falou-me de «A Província» como poderia ter falado de qualquer outra revista ou jornal que saísse da banalidade, isto é do futebol, das notícias mundanas internacionais ou das *pin-up-girls*.

Tal facto, aparentemente sem a mínima importância mas que, maduramente pensado, confrange pela pobreza intelectual da nossa mocidade e até das pessoas adultas e algumas entradas em anos, isto é, da maioria dos indivíduos com quem dia a dia nos cruzamos nas ruas, tal facto, dizíamos, levou-nos a escrever a meia dúzia de banalidades que se seguem e sobre as quais o leitor mais atento e esclarecido poderá meditar um pouco.

Não farei quaisquer comentários. O leitor reparará nas evidências e formará os seus juízos — como eu próprio formei os meus — e tirará as conclusões que quiser.

Talvez que um jornalismo, que tivesse ùnicamente por base a simples e chã narração dos factos, fosse aquele que mais conviesse de momento. Isto, porém, é já ter idéias, aventar opiniões e é disso, precisamente, que me quero evadir hoje; portanto, aqui vai o que tenho para narrar.

Ùltimamente foi-me dado travar conhecimento com jovens estrangeiros e tal contacto veio chamar a minha atenção para aspectos curiosos sobre os quais nunca, até então, tivera oportunidade de reparar.

Primeiramente quero falar de quatro jovens do Sarre, (aquele mesmo país com o qual Portugal empatou 0-0 em futebol e que o enviado especial do «Diário Popular» tão oportunamente descreveu), que vieram do seu país até Coimbra, ùnicamente para tomar parte numa concentração de «scooteristas». Temos, pois, que quatro rapazes, cujas idades iam dos dezoito aos vinte e poucos anos, andaram cerca de 9.000 quilómetros de «scooter» para visitar o nosso país.

Um desses rapazes escrevia para o jornal da sua terra, falava alemão, inglês e francês, tinha 19 anos de idade e a sua profissão era ferroviário.

Outro falava inglês e alemão e ocupava-se como «barman».

O irmão deste falava apenas alemão. Trabalhava no campo.

Finalmente, o Manfred falava francês e alemão e era soldador.

Convém frisar que o «barman» possuia uma óptima máquina de filmar, com a qual muitas fotografias fez, das maravilhas que encontrou no nosso país. Os outros possuiam boas máquinas fotográficas.

Todos eles fizeram largas despezas, que denunciavam um nível de vida elevado.

Depois temos um espanhol de Valência que também veio desde a sua linda terra até Coimbra, viagem que fez também de «scooter», por toda a costa do sul da Espanha. Anteriormente havia percorrido quase toda a Europa, na companhia de sua esposa.

É cozinheiro e apenas trabalha quatro meses em cado ano. Nos restantes meses passeia.

Fala, além da língua de Cervantes, alemão, francês e inglês «Arranha» (como costuma dizer-se), português e italiano.

Não podia deixar de ter, também, uma óptima máquina fotográfica.

E, por último, um simpático casal dinamasquês que veio do seu democrático país até Portugal, com visita a outros países da Europa, passar a lua de mel, numa viagem de 10.000 quilómetros.

São também «scooteristas» e adeptos do campismo, para a prática do qual possuem excelente material.

Tanto ele como ela são bastante novos. Qualquer deles fala espanhol, inglês e alemão, além da língua de Andersen. Na sua terra praticam esqui, o que é natural num país de esquiadores.

A boa máquina fotográfica era inevitável.

A profissão dele é pintor de automóveis. Ela trata da casa.

Acrescentarei, em complemento, que todos estes jovens vestiam bem, tinham esmerada educação, belíssimo equipamento apropriado para usar quando a tripularem as suas «scooters» e que todos eles, sem distinção, revelavam uma cultura magnífica, conhecendo bem as obras de arte e sabendo apreciar com acerto os monumentos que tivemos ensejo de lhes mostrar.

Apesar de todos eles serem desportistas e terem tomado parte em várias competições nos seus países e no estrangeiro, não os vi mais interessados pelos problemas desportivos do que pelos assuntos culturais, antes pelo contrário bastará, certamente, o facto de dominarem correctissimamente diversas línguas para o demonstrar.

Um facto curioso a assinalar, é que todos os países a que pertencem conheceram as vicissitudes da guerra e o Sarre encontra-se ainda sob forte agitação política.

Valores que chegam...

Uma manhã na lota

Gente que corre, apitos estridentes que se ouvem, levados pelo vento a todas as partes da vila. Mais um barco chega à lota. Pouco depois vê-se assaltado por uma onda de homens e moços desejosos de ver o peixe e comentar a sua qualidade. Mas aos que já esperavam o barco, cuja chegada fora anunciada pela rádio de bordo, outros sucedem-se sem cessar. Já com o barco apinhado e dezenas de olhos que miram e remiram o porão, começa a venda.

99... 98... 97... 96...

À volta um silêncio sepulcral. Rostos que se fitam mùtuamente. Lábios que se movem em contas mudas. Sorrisos irónicos dos «moços» perante tal espectáculo.

29... 28... 27... 26...

Conforme descem a contagem, maior ansiedade se espelha nos rostos. Sofrem aqueles que têm os seus patrões para a descarga. Sofrem os compradores ansiosos para que o preço fique ao seu alcance. Lamentam-se, por fim, os da equipagem por verem baixar o preço dos seus prognósticos.

As chegadas não param. Contudo, só um observador menos interessado pode notá-las, de tal maneira elas são silenciosas e subtis.

Entretanto, outro barco chega ao cais e é ràpidamente abordado pelos curiosos que, entre pasmos e sorrisos satisfeitos, entabulam conversa com a tripulação. Onde pescaram e não pescaram. Se encontraram ou não qualquer barco no caminho. E estas perguntas e muitas outras se desenrolam à volta do porão, onde três «botas» de sardinhas brilhantes e apetitosas parecem querer saltitar ao ondear do barco. E, enquanto uns olham o barco onde está sendo vendido o peixe e tentam ouvir a contagem, outros fitam a barra, querendo divisar o mastro da traineira esperada.

9... 8... 7...

— Meu! grita uma voz alegre e radiante...

Num ápice, nada mais querendo saber, lançam-se em turbilhão para o outro barco e o mesmo espectáculo se repete continuamente...

Vila Real de Santo António

A. Lopes

Publicações Recebidas

— **Boletim da Casa do Alentejo** — *Director Dr. Víctor Santos.*

Recebemos o N.º 230, referente ao mês corrente.

O presente número, não destoando dos aspectos tradicionais, comemora o 33.º aniversário da Casa do Alentejo, descrevendo a sua acção social e historiando um pouco das suas actuações.

Além disso, traz muita e valiosa colaboração que interessa e torna o Boletim da Casa do Alentejo extremamente agradável ao leitor.

Agradecemos a deferência do exemplar remetido.

Mercado Filatélico — Revista mensal, respeitante a Maio.

Igualmente recebemos o N.º 83 desta Revista, o qual encerra em secções os assuntos filatélicos de maior interesse na actualidade, tais como: Breve História da Filatelia, Catálogo Yvert, Legislação Postal, Pelo Mundo dos Selos, Mercado Filatélico, Marco Postal, etc.

A capa impressiva e toda ela ilustrada é digna de notoriedade.

Agradecemos também o exemplar dirigido a esta Redacção.

— **Boletim da Legação da Venezuela em Portugal.**

Recebemos o n.º 84 que muito agradecemos. Embora modesto, constitui, no entanto, um folheto interessante cuja oferta sempre nos sensibiliza.

— **Boletim do Porto de Lisboa** — N.º 63 — Abril de 1956.

Recebemos e agradecemos o exemplar que remeteram ao nosso jornal.

Contém este N.º 63 vasta matéria acerca do Porto de Lisboa, suas realizações e estatísticas do movimento, largas informações, assuntos de actualidade marítima, e colaboração variada quanto à divulgação dos serviços portuários.

A Persistência é uma virtude

POR

Amaral Frazão

A Carreira de Wedgwood, a quem a Inglaterra deve o estabelecimento das fábricas de louça, oferece um notável exemplo de labor, de persistência, de energia no culto das artes.

A Inglaterra, nos meados do século XVIII, encontrava-se ainda em grande atrazo quanto ao desenvolvimento industrial. O fabrico de louça de barro era primitivo e o da porcelana não existia mesmo. Foram seus primeiros fabricantes dois operários holandeses fugidos a perseguições religiosas e mais tarde os irmãos Elers, vindos de Nuremberga, limitando-se uns e outros a fabricar louça ordinária e pequenos objectos de uso comum. A porcelana, essa vinha da China e o seu preço era astronómico.

Wedgwood, porém, consagrando toda a sua vida a firmar em sólidos alicerces a arte cerâmica em Inglaterra, mudou o curso dos acontecimentos. Dotado de carácter enérgico. Wedgwood pertencia ao número destes trabalhadores incansáveis que conseguem, á força de perseverança e assiduidade, incutir hábitos firmes de trabalho nos seus colaboradores, ao mesmo tempo que conseguem exercer decisiva influência na actividade pública e no carácter nacional.

De origem humilde mas estudioso, Wedgwood, durante uma grave doença que o acometeu, meditou sèriamente na vida e prometeu a si próprio que havia de vencer. E venceu. De experiência em experiência, desde os pequenos nadas aos grandes objectos, foi melhorando pouco a pouco a arte cerâmica até que chegou ao êxito completo, à perfeição.

Graças ao trabalho de Wedgwood, à sua energia, à habilidade e segurança com que soube escolher colaboradores, o fabrico da louça, que até então se conservara em mísera condição, tornou-se, desde 1760, uma das mais importantes e florescentes indústrias da Inglaterra, que passou a exportar, em grande escala, um produto que até ali adquiria no estrangeiro com grave prejuizo da sua economia.

Este Wedgwood é claro exemplo do que pode e vale a inteligência esclarecida ao serviço duma vontade forte; mas também representa um dos muitos elos que levaram a Inglaterra a colocar-se perante o mundo como um famoso baluarte de trabalho, de progresso, de energia, de persistência, — virtudes que a levaram a vencer todas as vicissitudes que tiveram de enfrentar na última guerra e a hão-de levar a reconstituir o seu poderio económico.

Que não falte na sua mesa o café de

«A JAVANEZA»

Rua do Arsenal, 102

Telef. 22722

Enviam-se encomendas para a província

DESPORTOS

O Vespa Clube de Lisboa e as nossas Festas

É indiscritível o entusiasmo que envolve toda a população montijense pela visita daquele Clube, no dia 1 de Julho, no dia da Batalha de Flores.

Não tem descrição também a satisfação que vai entre os desportistas, e principalmente entre os vespistas locais, por essa visita inédita que deixará profunda recordação em todos.

Na véspera haverá um jantar de confraternização, oferecido pelo Vespa Clube de Portugal, destinado a comemomar a fundação do Vespa Clube de Montijo, o qual será inaugurado no dia seguinte, no acto do almoço volante que «A Província», a Comissão das Festas, e o Vespa Clube de Montijo oferecem aos visitantes.

Na última reunião foi resolvido aprovar o programa provisório publicado no N.º 66 do nosso jornal, tomando-se importantes resoluções no sentido de que tudo decorra sem a mínima falta.

Consta-nos que a afluência vai ser enorme e deslumbrante.

Sabemos que comparecerão, além dos de Lisboa, vespistas de Coimbra, Porto, Setúbal, Vila Franca de Xira, Barreiro, etc. — o que nos faz prever um êxito sem precedente.

O programa definitivo ficou assim aprovado:

Dia 1 de Julho

Até às 9 horas: — Concentração dos vespistas na Praça Marquês de Pombal (Parque Eduardo VII), onde se encontrará a equipa de reportagem radiofóniua da Comissão das Festas de Montijo, com Vilas-Boas ao microfone, que fará uma série de entrevistas e acompanhará os vespistas até Montijo, num relato circunstanciado para Rádio Clube Português.

A's 9 horas prefixas: — Partida para Montijo, cujo percurso será: Almirante Reis, Aeroporto, Vila Franca de Xira (onde se juntarão os elementos do Vespa Clube de Vila Franca de Xira), Porto Alto, Montijo,

A's 10 horas: — Chegada ao Porto Alto, onde os vespistas serão aguardados por uma caravana de sócios do Vespa Clube de Montijo e pelo redactor de «A PROVÍNCIA», que lhes apresentarão as «boas vindas».

A's 11 horas: — Entrada dos vespistas em Montijo.

— Desfile pelas ruas de Montijo.

— Cumprimentos de boas vindas aos vespistas nos Paços do Concelho, com a presença de S. Ex.ª o sr. Presidente da Câmara Municipal, Dig.ma Comissão das Festas, Dig.mos Director e Proprietário de «A PROVÍNCIA» e outras individualidades em destaque.

— Os vespistas arrumarão as suas máquinas no Mercado Municipal, em construção.

Durante o almoço um funcionário do V. C. L. meterá 3 litros de mistura, grátis, em todas as máquinas pertencentes aos sócios dos Vespas Clubes presentes.

A's 13 horas: — Almoço volante oferecido por «A PROVÍNCIA», pela Dig.ma Comissão das Festas e pelo Vespa Clube de Montijo.

— Distribuição do número especial de «A PROVÍNCIA» aos vespistas visitantes.

— Inauguração oficial do Vespa Clube de Montijo.

— Distribuição dos prémios do Rali de Coimbra, realizado pelo Vespa Clube de Portugal.

A's 15 horas: — Visita aos locais das Festas.

A's 17 horas: — Concentração dos vespistas no Mercado Municipal, em construção, a fim de se dirigirem ao local que lhes for designado para tomarem parte na Batalha de Flores.

A's 18 horas: — Início da Batalha de Flores, onde todas as «VESPAS» tomarão parte, devidamente ornamentadas pelo Vespa Clube de Lisboa.

Tomará igualmente parte na grande Batalha de Flores um carro alegórico da «VESPA», com gentis raparigas montijenses, nos seus trajes regionais.

Finalmente: — Regresso a Lisboa, à hora a acertar.

Preparam-se ainda várias surpresas para este número do programa.

A iniciativa de «A Província», trazendo à nossa terra esta grandiosa embaixada, destina-se a um dos maiores êxitos das Festas Populares de S. Pedro.

Assim o esperamos, e disto temos inabalável convicção.

TELHA PORTUGUESA

Vende-se quantidade em boas condições

R. Tenente Valadim, 71

Telef. 026023

Clube Desportivo de Montijo

Este Clube montijense colabora no programa das Festas Populares de S. Pedro, com os seguintes números:

— No dia 29 de Junho, pelas 14 horas, Gincana de «Scooters».

— No dia 1 de Julho, pelas 9 horas, Torneio de Tiro aos Pratos.

Todas estas competições efectuam-se no campo de jogos do Clube.

Os sócios têm entrada livre, mediante a apresentação da quota do mês de Maio.

Última Hora

Estamos informados, e por isso informamos os nossos leitores, de que, no dia 1 de Julho, faz uma prova desportiva de Alhandra a Montijo o distinto nadador Baptista Pereira.

Essa prova é oferecida à Comissão das Festas de S. Pedro e dedicada a Montijo, pela forma como o ano passado a nossa terra recebeu o estimado desportista.

Mais um número sensacional, portanto, para valorizar o programa.

Columbofilia

Mangualde — Montijo 239 Km.

Taça «Severiano de Sousa» - Vencedor Victor Manuel Martins Viegas

Vencendo esta tirada, Víctor M. M. Viegas veio confirmar a magnífica forma actual de sua colónia.

Enquanto encestava as suas aves para Vilar Formoso, começámos por lhe perguntar, que nos dizes sobre o desastre de Burgos?

— Foi a jornada mais negra da columbofilia montijense, e até nacional. Das 5 aves que enviei, só me regressaram 2, e fora do controle, perdendo o meu campeão, que na campanha finda venceu os internacionais de Corunha, Salamanca e Miranda do Ebro, mas tenho fé de o ver regressar dentro de poucos dias.

— Foi a jornada que te deixou mais pesar?

— Sim, esta num sentido, e a de Faro noutro, pois deixei de conquistar definitivamente a «Taça Tavares», por 4 segundos, classificando oito aves entre as dez primeiras.

— Formidável proesa de um campeão; poucos amadores se orgulham de possuir uma colónia como a tua.

— Como as perdas foram fantásticas em Burgos, a que atribuis?

— As pessimas condições do tempo, mas também deve ter influido o não termos ido a Corunha e Madrid. As aves estavam pouco voadas nestas provas de longa quilometragem. A não realização destas provas só veio beneficiar os amadores de velocidade, porque meio fundo e fundo pràticamente não têm existido.

— Leste a entrevista do Justiniano de Oliveira, que venceu Burgos, e sentiu grande orgulho em te vencer?

— Li, preferia nada dizer; mas, como esses amadores não sabem esconder a alegria de suas vitórias, direi o que seria, se tivessem uma colónia como a minha, que venceu todos os campeonatos da campanha finda e seis concursos. Seria assunto para atirarem foguetes, e esta época já são três provas vencidas. A proesa da ave dele vencer Burgos são acasos da sorte; a regularidade é a melhor prova que uma colónia pode atestar.

— Muito obrigado pelas tuas palavras, mas tenho a impressão que não conseguirás vencer seis tiradas como na campanha finda.

— É natural, mas ainda é cedo, e muito terás que escrever sobre a minha colónia esta época. Até domingo que espero vencer.

CLASSIFICAÇÃO

Victor M. M. Viegas, 1.º, 2.º, 3.º, 4.º e 13.º; João Teodoro da Silva, 5.º, 15.º, 17.º e 20.º; António Fonseca Nunes, 6.º; José Barros, 7.º; Eduardo Santos Baeta, 8.º; Cristiano Moreira, 9.º; José Correia Leite, 10.º; Eduardo S. Terras, 11.º; António J. Lucas Catita, 12.º; Francisco J. Viegas e Castro, 14.º; Benjamim Neves Silva, 16.º; Jorge Sotano Lopes, 18.º e 19.º.

Eduardo Baeta

MOEDAS ANTIGAS

Em cobre, prata ou ouro, compra particular. — E. P.

na Almir. Cândido dos Reis, 18

MONTIJO

Telefones de urgência

Hospital, 026046
Serviços Médico Sociais, 026198
Bombeiros, 026048
Taxis, 026025
Ponte dos Vapores, 026425
Polícia, 026144

Motociclismo

Por José dos Santos Marques

O que no número especial de «A Provincia» se apresenta dedicado aos motociclistas não tem o âmbito que gostariamos de lhe dar, mas apenas aquele que o espaço e as circunstâncias permitem.

Queremos, todavia, acentuar que estamos sempre ao serviço do motociclismo e dos motociclistas (os scooteristas também o são) e igualmente dispostos a pugnar pelos seus legitimos interesses.

Com o advento do secooterismo em Portugal assistimos a duas coisas que queremos acentuar:

O desenvolvimento dos desportos motociclistas e das associações do género e, infelizmente, a uma espécie de perseguição sistemática que, francamente, lamentamos.

É preciso que todos os motociclistas se unam e se coloquem nos seus lugares e saibam fazer prevalecer os seus direitos, e nisto terão que ser ajudados e secundados pelos clubes e associações que os agrupam. Terão que se esforçar por cumprir com o que a lei estipula quanto ao trânsito, mas exigir igualmente que os outros, sejam eles quais forem, cumpram em relação a eles as mesmas leis; e embora os motociclistas quase sempre «paguem as favas» (como costuma dizer-se), nem sempre se exige aos condutores de outros veículos as verdadeiras responsabilidades de muitos acidentes, mais destes do que daqueles, e nem sempre os agentes encarregados de vigiar pela segurança alheia estão à altura de bem desempenhar a sua missão.

Podemos afirmar categòricamente, sem receio de contestação, que se não fosse a perícia e a presença de espirito dos motociclistas nas estradas e, principalmente, nas cidades, muitos mais desastres e incidentes teriamos a lamentar.

O apodo de «doidos» tanto pode ser aplicado aos motociclistas como aos automobilistas, camionistas e ciclistas e talvez até com mais propriedade a estes do que àqueles.

Tanto os automobilistas como os camionistas pensam sempre que têm muita «lata» para bater, enquanto os outros têm que considerar que o seu corpo «não é para festas». Quanto aos ciclistas, o seu maior defeito é quase ignorarem as leis do trânsito.

Temos a plena certeza de que, se convidássemos muitos azes do volante a pegar nas motos ou nos scooters que por aí existem e a darem uma volta por Lisboa, pelo emaranhado do trânsito da avenida da Liberdade, da Rua do Ouro, da Rua Augusta, na Mouraria e noutros locais, nas horas de mais movimento, teriamos que nos deslocar aos hospitais para lhes levar, complacente e caridosamente, as tradicionais onças de tabaco.

O peão carece de ser metido na ordem e estamos até em crer que se a cada peão fosse dado um veiculo motorizado ele saberia, no futuro, quando andasse a pé, tomar as devidas precauções.

Poderiamos apontar muitos mais casos que o tema sugere, mas não podemos abusar do espaço. Não faltarão oportunidades.

VESPA CLUBE DE MONTIJO

O Vespa Clube de Montijo será uma realidade dentro de poucos dias, pois a sua inauguração está marcada para o dia 1 de Julho, por altura do almoço dedicado aos «vespistas» que nesse dia visitarão a nossa vila, para assistirem e tomar parte na Batalha de Flores, das grandiosas Festas de S. Pedro.

A possibilidade da sua fundação deve-se ao esforço e entusiasmo da sua comissão organizadora, composta pelos «vespistas» montijenses, Adriano Leão Leiria, Manuel António Louro Grade, António Cacheldora Rosa, Francisco Tobias Júnior, e Américo Mendes Pinto, dos quais devem sair os futuros corpos gerentes.

Apesar de, pràticamente, ainda não existir, o V. C. M. desenvolveu já uma preciosa actividade para que a recepção aos «vespistas» de Lisboa tenha um brilho e uma grandeza que bem possa dignificar uma vez mais Montijo e por certo estes se admirarão de quanto os vai surpreender no próximo dia 1 de Julho.

Estamos certos de que o Vespa Clube de Montijo será um dos mais activos e empreendedores de quantos existem no País, pois do espírito ordenado e trabalhador dos montijenses outra coisa não é de esperar e a sua jovem comissão organizadora está à altura do que se exige dela.

«A Província» orgulha-se de ter sido, de certo modo, a madrinha do novel clube e terá sempre as suas colunas ao seu inteiro dispor.

Esperamos que o Agente Vespa no Montijo, como o tem feito até agora, continue a dar todo o seu apoio e colaboração para que o Vespa Clube de Montijo possa alcançar o grau de desenvolvimento e expansão que os clubes desta natureza sempre requerem.

Auguramos-lhe as maiores prosperidades e teremos o máximo prazer em que a sua oficialização se faça em curto espaço de tempo.

Este número de «A Província» foi visado pela CENSURA

Banda Democrática 2 de Janeiro

Eis o programa do Concerto realizado no Coreto Municipal da Praça da República, no dia 17 de Junho de 1956, pela Banda Democrática 2 de Janeiro, de Montijo:

I — Sueño del Artista — Marcha — *Chueca.*

II — Der Freichutz — Abertura — *C. M. Weber.*

III — Trianerias — Fantasia da Zarzuela — *A. Vives.*

IV — Turandot — Selecção da Ópera — *G. Puccini.*

V — Suite de Fados — 2.ª Suite — *Artur R. Dantas.*

VI — Homenagem aos Fundadores — Marcha — *H. R. Apolinário.*

LUTUOSA

No dia 15 do corrente faleceu nesta vila a sr.ª D. Leonor Rosa Ferra, de 45 anos, casada com o sr. Jacob Castiço, e irmã dos srs. Emídio Maria Ferra, Manuel Maria Ferra e D. Lúcia Maria Ferra.

A extinta, que era natural de Montijo, deixou profunda pena em quantos a conheceram, pelas suas belas qualidades.

As nossas condolências a toda a família e, em especial, aos nossos assinantes que à família pertencem.

do Minho ao Guadiana

Canha

—Começou a funcionar na próxima 2.ª feira, 11 do corrente, o Infantário da Sagrada Família, da iniciativa da Casado Povo, desta vila.

Recebe crianças, filhos de trabalhadores rurais pobres, cujas mães se tenham de ausentar durante o dia para os trabalhos agrícolas.

Às crianças, além do carinho e vigilância dispensados pelas enfermeiras, é fornecida alimentação e vestuário.

—No passado domingo, 3, realizou-se em Pegões um desafio de futebol, entre os Grupos Desportivos de Pegões e da Casa do Povo desta terra, sendo o resultado: Pegões, 6 — Canha 2.

Entre as cenas pouco desportivas daquela terra, houve a agressão ao árbitro, sr. Mário Santos Carvalheira.

Pessoa prudentíssima e correcta, teve o cuidado de suportar a incorrecção da agressão e continuar serenamente até o fim a sua missão.

Fez boa figura.

O guarda-redes de Canha, impediu a entrada de grande número de bolas, visto que o grupo da Casa do Povo quase se desinteressou do jogo, em virtude dessa agressão ao árbitro.

É de lamentar que o grupo de Pegões tenha sido sempre bem tratado nos jogos de Canha, e que não faça o mesmo aos jogadores desta terra, — o que esperamos se não repita, para bem do Desporto e das boas relações que sempre existiram entre os dos povos vizinhos.

Bombarral

Revelou-se acontecimento de grande interesse a Exposisão Bíblio-Iconográfica Ultramarina que, integrada na «Semana do Ultramar», esteve patente no salão nobre da Associação dos Bombeiros desta vila, de 16 a 27 de Maio findo. Esta exposição, visitada por muitas centenas de pessoas e que representou, sem dúvida, uma das mais interessantes manifestações realizadas no país no decorrer da «Semana», era constituída, nos dois conjuntos, por cerca de 550 espécies bibliográficas sobre o Ultramar, desde jornais e Boletins Oficiais de quase todas as províncias ultramarinas (exceptuando apenas Cabo Verde) até as obras de investigação científica, pertencentes, na sua maioria, à Estante do Ultramar da Biblioteca Popular dos Bombeiros do Bombarral, e por mais de 400 objectos de arte indígena e oriental, nomeadamente miniaturas e diversas peças em madeira, marfim e metal, peles, armas, bustos, máscaras, louças, estampas e fotografias, salientando-se, entre estas, dois frisos de dez montagens fotográficas cedidas pela Companhia de Diamantes de Angola, que fazem parte dum conjunto que esteve exposto na Sorbona (Paris).

—Dentro do programa da «Semana do Ultramar», pronunciou uma palestra sobre S. Tomé e Príncipe, no Teatro Eduardo Brasão, o sr. dr. Calheiros Viegas, que foi escutado com muito interesse pela assistência que lhe tributou, no final, uma prolongada ovação.

—No passado dia 20, inaugurou-se, com a presença do chefe do distrito substituto, sr. dr. Mário Galo, do presidente da Câmara, sr. dr. Vasco Furtado, e de diversas individualidades distritais e concelhias, a nova sede do Centro de Assistência Social desta vila, simpática obra que se deve ao espírito empreendedor do antigo pároco de Bombarral, rev.º Fernando dos Santos Diogo, agora instalada no antigo edifício da Casa do Povo, que recebeu, para o efeito, as indispensáveis obras de adaptação com a comparticipação do Estado.

Beja, 14

— Começaram as «Festas da Cidade».

Iniciou-se no passado dia 10, tal como se achava previsto no programa, o ciclo de festivais a realizar nesta cidade na quadra dos Santos Populares, e que os organizadores entenderam por bem denominar «FESTAS FOLCLÓRICAS DE BEJA», conforme anteriormente já tinhamos noticiado.

A abrir, realizou-se cerca das 6 e meia da tarde, no edifício do Governo Civil, perante numeroso e distinto auditório, uma conferência pelo sr. prof. Joaquim Roque, adjunto do Director Escolar, que dissertou, com brilhantismo, em comemoração do «Dia da Raça» que passava, sobre a figura sublime e majestosa de Camões — orgulho maior da nossa poesia épica.

À noite, na verbena do Estádio Municipal, que se encontra ornamentada a propósito, e com bastante gosto, a Orquestra Típica de Estremoz e o seu rancho folclórico, deliciaram, durante largo tempo, a assistência que pejava o recinto, interpretando belos números de sabor regionalista. Depois da sua actuação, ao som da orquestra, os «pares» rodopiaram até de madrugada.

Na véspera de Santo António, houve de novo bailes no Estádio, desta vez abrilhantados pela excelente e conhecida orquestra Pax Júlia, desta cidade, e no outro dia, efectuou-se um atraente festival taurino nocturno, onde actuaram com agrado diversos amadores bejenses. Distinguiram-se, o já experiente cavaleiro Henrique de Mira Coroa, os jovens novilheiros Paulo Martinho e Francisco Carracinha e o grupo cómico «D. José, Espadachim e Faleiró», que lidaram «a seu modo» duas bravas vacas. Fraco esteve o grupo de forcados.

No intervalo, exibiu-se em cantares regionais o Grupo Coral da Casa Pia de Beja, que foi muito aplaudido.

Domingo próximo, as festas continuam com a apresentação do famoso grupo das Tricanas de Águeda, havendo também de tarde uma conferência do Rev. António Marvão, que versará sobre assuntos do folclore alentejano. —(C.)

Almada

ALMADA, 12—Integrada nas Festas de S. João Baptista, que nesta vila se realizam este ano com grande pompa, efectuou no dia 12, na Casa Escolar da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários, o sr. João Luís da Cruz uma conferência subordinada ao tema: «A' volta da palavra Assistência».

Como era de esperar, dada a categoria do conferencista, essa conferência foi um autêntico sucesso, o que provocou intensos aplausos após a sua exposição.

O tema foi tratado com superior visão e elevado estilo. A assistência premiou o autor do notável trabalho com uma significativa ovação, cumprimentando-o e felicitando-o pela magnífica lição de civismo e de humanidade que produziu.

Cumprimentamos também. «A Província» sente-se orgulhosa pelo triunfo do seu distinto colaborador.

Felicitamos igualmente a Direcção e Comando da prestimosa Associação pela iniciativa dessa memorável sessão cultural. (C.)

Alcochete

Os srs. Rui de Sousa Vinagre e João Lopes de Figueiredo, presidente e vice presidente da Câmara Municipal, foram reconduzidos nesses lugares.

Acertada foi esta resolução, pois esses senhores, bem como toda a actual vereação, têm feito progredir a vila de Alcochete, vizinha de Montijo, de forma notável, alindando-a e tornando-a cada vez mais aprazível. (C.)

José Teodósio da Silva
(Herdeira)
Fábrica fundada em 1900 (em edifício próprio)
Fábrica de Gasosas, Refrigerantes, Soda water, Licores, Xaropes, Junípero, Cremes de todas as qualidades, etc.
Fabricos pelos sistemas mais modernos.
Rua Formosa 8 —Telef. 036204—9
MONTIJO

N.º 13 Folhetim de «A Província» 21-6-956

Aldeia do Avesso

Por Alvaro Valente

Um operário reclamava certa diferença nas horas apontadas. O engenheiro estava também, e, ao ouvir a reclamação, interveio imediatamente.

Escutou o operário, verificou a respectiva folha, e viu que tinha razão.

—Quem tirou o «ponto»?

—Foi o sr. Morais.

—Chame-o lá, faça favor.

E o sr. Morais apareceu dali a pouco, afogueado, prevendo borrasca.

—Verifique a folha e o «ponto» deste operário.

O outro rebuscou, fez contas e mais contas, e por fim esclareceu:

—Há uma diferença de seis horas extraordinárias; mas como não é costume pagar essas horas...

—Não é costume porquê? Eu não quero o prejuizo de nenhum trabalhador. A lei tem que se cumprir, ouviu? Todo o esforço dos que trabalham deve ser remunerado, e não permito que nas obras a meu cargo se proceda de modo contrário.

—Mas, sr. Engenheiro, eu neste caso apenas cumpro as ordens que os patrões me dão...

—Não, sr. Morais. Neste caso e nos outros sou eu quem dá ordens. Os patrões simplesmente pagam. O senhor cumpre as minhas ordens e mais nada.

—Mas...

—Não há mas nem meio mas. É assim e assim fica entendido duma vez para sempre.

E o sr. Morais, resmungão e furioso, emendou a folha e o operário recebeu o que lhe pertencia.

Estes e outros casos trouxeram ao engenheiro a maior simpatia dos que ali trabalhavam.

No entanto, ele queria e exigia que dessem «o seu ao seu dono». Formado em Portugal, viajara e completara lá fora a sua educação, ao contacto com a vida e com os povos que a encaram pràticamente.

Com seu fato de ganga azul descia aos cavoucos e trepava aos andaimes, conversava com os operários calmamente, e não tinha rebuço em pegar numa ferramenta e explicar como se executava qualquer serviço. Muitas vezes o viam de fio de prumo rectificando a deficiência duma parede ou de nível sobre uma viga verificando a certeza da sua posição.

Mandriões é que não admitia. Nas horas de trabalho, todos trabalhavam; lá «escapanços» ou «comidelas» é que não.

Repugnava-lhe, porém, a exploração ignóbil das energias alheias e, por assim pensar, não consentia falsidades nas remunerações.

Acima de tudo, o que mais o indignava eram as injustiças humanas e essa indignação advinha-lhe, exactamente, da análise e do conhecimento quotidiano dos assuntos e dos homens.

—Uma atitude, ou uma resolução injusta por banda dos que dirigem, conduzem ao desespero surdo e daqui se gera quase sempre a revolta.

A falta de reconhecimento pelo valor, pela competência, pelas boas qualidades, provocando desigualdades flagrantes, provocava também a desilusão, — meio caminho para o aniquilamento da iniciativa e do interesse pelo trabalho.

O sr. Morais desesperava-se ao ver aquela simpatia. Sentia-se deminuído, rebaixado nas suas funções, e não perdoava ao engenheiro as duas lições, severas e contundentes, que ele lhe dera.

Começou, então, a intrigar.

Pela frente, desfazia-se em salamaleques e cortezias quando o engenheiro chegava; pelas costas, informava a gerência do que se passava e acrescentava comentários da sua lavra: —«que os operários andavam descontentes», «que os obrigavam a trabalhar demais», «que alguns já falavam em se despedirem», «que já o tinham procurado e por várias vezes lhe faziam queixas», — e assim por aí fora, no mesmo tom.

(CONTINUA)

José António Moedas
APRESENTA

Dumas e as viúvas

Ao que parece, Alexandre Dumas (Filho) não admitia a existência das viúvas inconsoláveis. Uma ocasião, quando conversava com Scholl, este perguntou-lhe:

— Você, que segundo se diz não acredita que existam viúvas inconsoláveis, que me diz ao caso de Artemisa que, como se sabe, mandou edificar um monumento ao marido?

— De facto, isso sucedeu na antiguidade — replicou Dumas — mas estou certo de que, se o mesmo acontecesse hoje, ao colocar da última pedra no grandioso monumento, já Artemisa estaria casada... com o arquitecto...

O que não presta...

Depois da rebelião operada por Cromwell, na Inglaterra, e em consequência da qual o rei Carlos I foi decapitado, perguntaram à raínha Cristina, da Suécia, as suas impressões. A soberana achou o facto absolutamente natural, e afirmou em dado momento:

— Se Carlos afirmava que não sabia o que fazer à cabeça, julgo que os ingleses a mandaram cortar como coisa supérflua...

Pensamentos

■ Aquele que desconhece a história, toda a vida será criança. — *Cicero.*

■ Difícil é andar sobre o aguçado fio de uma navalha, mas mais difícil e árduo é o caminho da Salvação. — *Somerset Maugham.*

■ O homem é livre quando não tem que obedecer a pessoas, mas sòmente à lei. — *Kant.*

■ O Pressentimento! É o relógio da Desgraça. Um pouco adiantado apenas... — *Albino Forjaz de Sampaio.*

Os grandes homens e a sua origem

A maioria dos grandes génios da humanidade tiveram uma origem humilde, o que não impediu que dos seus cérebros brotasse esplendorosamente muita da luz que ilumina o mundo dos nossos dias: Veja-se a seguir o pequeno quadro que inserimos, como reforço à nossa afirmação, que aliás já foi sobejamente provada:

— Schubert era filho dum professor primário.
— Colombo dum tecelão.
— Moliére dum tapeceiro.
— Homero dum hortelão.
— Franklin dum fabricante de sabão.
— Cervantes dum soldado.

Curiosidades

Mimetismo é a propriedade que possuem as escamas de certos peixes, para mudar as mesmas de cor conforme seu desejo. Segundo ainda afirmam os entendidos, os animais põem em jogo esta faculdade quando querem fugir aos inimigos que os perseguem, confundindo-se assim com o meio.

A avestruz chega a viver cerca de 15 anos.

As aranhas, que aparentam muita fragilidade, são muito mais fortes que o homem, se tivermos em conta, as devidas proporções.

O corpo humano tem 208 ossos e 501 músculos.

Provérbios

■ No lar onde não há crença há desavença.

■ Em Junho, foice no punho.

■ Quem semeia ventos, recolhe tempestades.

■ Corvo que grita, vento chama.

■ A chaga do amor, quem a faz, a sara.

■ É de louco, falar muito e calar pouco.

Antologia da quadra

Sei que pareço um ladrão...
Mas há muitos que eu conheço,
Que sem parecerem o que são
São aquilo que eu pareço. (*)

(*) Porque não possuímos dados concretos, a redacção desta quadra, que conservamos na memória, sai sob reserva.

Bom humor...

Numa conferência sobre a mulher, feita por uma eminente escritora da nossa vizinha Espanha, a oradora em certo momento perguntou:

— Onde estaria o homem sem a mulher?!

Imediatamente um homem que assistia à reunião exclamou:

— No Paraíso, minha senhora...

* * *

Na escola.

O professor — De onde vem o açúcar?

Carlitos — Do açucareiro.

Responda se souber

Solução do N.º 64

1 — Paul Muni.
2 — É o horror ao fogo.
3 — «Decamerone».
4 — Fleming.
5 — Dinamarquês.
6 — Séneca.
7 — Alexandre II.
8 — Apocalipse.
9 — Espanhola.
10 — Volta.

Recortando... e comentando

De «A Rabeca», distinto colega de Portalegre, transcrevemos, com reverência:

Peixe caro

«Continua a fiscalização da I. G. A. a agir junto dos fornecedores de peixe, no sentido de evitar exageros e fraudes que se estão praticando com o intuito de encarecer o, para certas pessoas, tão valioso alimento.

Oxalá que consigam evitar a extraordinária carestia do peixe fresco, que há muito deixou de ser acessível às magras bolsas».

Ainda ao menos aparece por lá a I. G. A...

Aqui, em Montijo, é à vontade.

E ainda se indignam se dizemos alguma coisa — muito pouco, aliás —, contra os que exploram as tais «magras bolsas».

Se são assinantes do nosso jornal, mandam logo cortar as assinaturas.

Dão a entender que pensavam comprar o silêncio do jornal com a importância das assinaturas.

Se um dia se fizesse um inquérito à proveniência dos bens que possuem, então se veria até onde tinha chegado essa exploração...

* * *

Do nosso colega «O Desforço», com toda a consideração:

Gestos simpáticos e altruistas

«Já há anos, que o sr. João Carlos Soares, importante proprietário da Empresa Auto Vimaranense, por esta época, oferece aos Vèlhinhos do Asilo desta vila, um passeio nos seus luxuosos autocarros. Quase todos os anos traz um autocarro novo, em folha, porque diz que os «Vèlhinhos lhe dão sorte»!...

Este ano o passeio realizou-se no dia 7, de manhã, até à Póvoa de Varzim, tendo os vèlhinhos sido acompanhados pela Superiora do Asilo e algumas Irmãs e o capelão do Hospital.

Foi um belo passeio, onde os vèlhinhos passaram algumas horas alegres, a contemplar o mar, louvando o seu benfeitor pelo seu nobre gesto.

Bem haja, pois, o sr. João Carlos Soares, que se compraz em fazer bem aos desventurados da sorte».

Aqui e ali ainda aparecem boas almas, — almas que merecem o reconhecimento de quantos vivem destes sentimentos.

Aqui em Montijo, também há um asilo de vèlhinhos e também há uma empresa de autocarros.

Mas... nunca tal gesto tiveram.

E era tão interessante, tão altruista!

Quem sabe se depois da leitura deste recorte, o praticarão também? Pois, sim.

* * *

De «A Voz da Figueira», com a maior vénia, recortamos:

Os loucos...

«Conta-se que um louco, iludindo a vigilância, conseguiu certo dia evadir-se do manicómio. À noite, regressando espontâneamente ao convívio dos seus companheiros de infortúnio, declarou-lhes muito convencido: *Não calculam! É um horror! Lá fora está tudo doido!*

Era assim que ele via o mundo através da deformante luneta da sua triste loucura.

E é assim afinal, que todos os doidos vêem as pessoas que o não são.

Não deixa de ser verdade andarem por aí à solta desiquilibrados muito mais perigosos que alguns dos que se encontram internados...

Mas que lhes havemos de fazer? Desejar-lhes que, ao menos, não percam os dentes, deixando-os cravados, por descuido, na reputação de alguém!»

A história repete-se, pelo visto.

E o certo é que há no comentário um fundo de grande verdade...

E também dizemos de igual modo: «Mas que lhe havemos de fazer?»

Se ainda houvesse forma de nos precavermos contra a invasão...

Não havendo, como não há, apenas podemos ter para com eles aquela piedade e aquela compaixão que devemos ter para com os pobres de espírito.

A. V.

O famoso homem de selos de Boston

(*Conclusão*)

Com o seu comércio de pacotes de selos o seu negócio cresceu e em breve tinha ao seu serviço 75 empregados, para em 1935 serem 200.

Era vulgar perguntarem a Harris: — «Que faz com os selos?». Em vista das inúmeras perguntas que lhe faziam, resolveu escrever um livro chamado «guia do coleccionador de selos», que envia grátis a quem o pedir. Deste livro já se fizeram quantidades astronómicas.

A sua direcção é: Harris & C.ª — Boston — Estados Unidos da América.

Apesar da sua extraordinária carreira e do seu êxito fantástico, este homem segue a mesma vida que seguia quando em seu poder tinha apenas alguns cêntimos por capital, apesar de agora ter ao seu serviço 300 empregados.

Para se poder ajuizar da modéstia e espírito deste famoso comerciante, conta-se a seguinte passagem recente da sua vida:

Recentemente chegou às oficinas um rapaz engraxador que habitualmente por ali aparecia para ganhar alguns cobres, engraxando os sapatos dalguns empregados. Este rapaz fazia alarde de ser o campeão de berlinde de Boston.

— Que tal se fizéssemos uma partidinha?, — preguntou Harris ao garoto, quando este acabou de lhe engraxar os sapatos.

Começaram a jogar, depois de Harris ter mandado comprar um saco com berlindes e, ràpidamente, o rapaz verificava que no seu saco lhe restavam uns poucos berlindes, pois o resto já havia sido ganho por Harris.

Ante a estupefacção do rapaz, Harris pagou-lhe a limpesa dos sapatos e despediu-o sem que antes lhe não dissesse: «Primeiro inteira-te bem antes de dizer se é ou não verdade o que afirmas».

Horas mais tarde, o rapaz viu com alegria que o secretário de Harris lhe devolvia todos os berlindes ganhos e aqueles que mandara comprar...

(*Adaptado de «El Eco Filatélico»*)

* * *

Prosseguindo no seu maravilhoso intento de dar a conhecer ao mundo as belezas da Terra Portuguesa, o Ministério do Ultramar, por intemédio dos seus Serviços de Valores Postais, vai mandar pôr em circulação mais uma série de «Cartas Geográficas», que desta vez se destinam à nossa Província ultramarina de Timor.

Os selos que foram executados na Casa John Enschedé, na Holanda, têm as dimensões de 25x36 m/m. e estão distribuidos nas seguintes quantidades, taxas e cores:

7.000.000 da taxa de 1 avo — salmão, amarelo, castanho, encarnado e azul.

5.000.000 da taxa de 3 avos — azul-claro, amarelo, castanho, encarnado e azul.

3.000.000 da taxa de 8 avos — castanho-claro, amarelo, castanho, encarnado e azul.

2.000.000 da taxa de 24 avos — verde-azulado, amarelo, castanho, encarnado, e azul.

1.500.000 da taxa de 32 avos — verde-amarelo, amarelo, castanho, encarnado, e azul.

1.000.000 da taxa de 40 avos — cinzento, amarelo, castanho, encarnado, e azul.

250.000 da taxa de 1 patac-amarelo, castanho, encarnado e azul.

250.000 da taxa de 3 patac-malva, amarelo, castanho, encarnado, e azul.

Com esta nova emissão ficam já servidas com «Cartas Geográficas» quatro províncias ultramarinas (Moçambique, Angola, Macau e Timor).

* * *

A volta ao Mundo

— No passado dia 19 de Abril foi inaugurado um novo percurso de Auto-Ambulâncias postais com o itinerário Porto-Vila Real-Bragança.

Como nos itinerários anteriormente inaugurados, foi executado um carimbo especial e alusivo ao acontecimento, que era aposto nas estações do percurso, no sector Norte da Rede de Ambulâncias Postais (Porto) e nos Serviços de Informações e Reclamações (Lisboa).

Os coleccionadores de marcas postais tiveram assim ensejo de aumentarem as suas colecções.

— No dia 3 do corrente mês foi posta em circulação mais um série de selos, comemorativa do centenário do nascimento do Professor António Joaquim Ferreira da Silva.

Os selos, desenhados pelo artista Cândido Costa Pinto, foram impressos em offset, na Casa da Moeda, nas seguintes taxas, quantidades e cores:

1$00 — 4.500.000, verde e 2$30 — 500.000, azul.

Como habitualmente tem sucedido com as anteriores emissões de selos da Administração Geral dos C. T. T., foi mandado executar um carimbo especial alusivo, que foi aposto nas correspondências no dia da circulação.

Secção dirigida por JORGE PEREIRA

1.º Concurso Filatélico de «A Província» N.º 7

1.ª — A que país pertence este selo?
2.ª — Em que ano foi emitido?
3.ª — Qual o seu número no Catálogo Yvert (1956)?

CLASSIFICAÇÕES

Indicamos agora as melhores classificações dos cupões recebidos na nossa Redacção até 5 de Maio:

João Oliveira Peste, 140 pontos; José Naya e Silva, 120 pontos; José Mário Branco, 120 pontos; Francisco Leal Paiva, 90 pontos;

RECTIFICANDO

Por lapso de revisão o cupão referente à figura n.º 6, saiu com o n.º 5, de que pedimos desculpa aos nossos leitores.

Publicações Recebidas

Recebemos e agradecemos: «L'Echo de la Timbrologie», n.º 1229, Rue des Jacobins, 37, Amiens-França; «El Eco Filatélico», n.º 239 e 240, Apartado n.º 108, Pamplona-Espanha (Agente em Portugal: Jorge Pereira — Av. do Aeroporto, Lote 88-1.º-Lisboa); «Mercado Filatélico». n.º 82, Órgão do Clube Internacional de Filatelia, Rua de Santo António, 190-2.º, Porto; «Boletim», n.º 58, do Clube Filatélico de Portugal, Av. Almirante Reis, n.º 70-3.º, Dto.

* * *

Toda a correspondência deverá ser remetida para a Secção Filatélica de «A Província», Av. D. Nuno Álvares Pereira, n.º 18 — Montijo.